

FERNANDO ALMEIDA

## Rio+10, a opção entre o suicídio e a sobrevivência

A cúpula mundial de chefes de Estado que começou ontem em Johannesburg vai tratar de um tema, o desenvolvimento sustentável, ainda largamente incompreendido, quando não boicotado, pelos mais diferentes segmentos da sociedade. Definido pela ONU como aquele que "satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade de as futuras gerações satisfazerem suas próprias necessidades", o conceito de desenvolvimento sustentável engloba, de maneira inédita e em toda a sua riqueza, as dimensões econômica, ambiental e social das atividades humanas no planeta. Mas enfrenta dificuldades para sua aplicação prática. Senão vejamos:

**Um acordo global por um mundo sustentável é tarefa difícil, mas não impossível**

- Ambientalistas o rejeitam, uma vez que não o inventaram e não concordam com a utilização do termo desenvolvimento;

- o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) resente-se de não ter formulado ele mesmo o conceito, uma obra da Comissão Brundtland, criada em 1983 pela ONU como instituição auxiliar. Tanto que resistiu ao emprego da expressão desenvolvimento sustentável no nome oficial da Rio-92, finalmente batizada de Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento;

- a academia, à qual também pertencem, tem dificuldades para lidar com um tema que resiste a ser apropriado por uma única disciplina, talvez porque uma parte da comunidade acadêmica ainda se oriente em bases cartesianas e mecanicistas, logo, não sistêmicas e holísticas;

- o Estado tenta enquadrar a sustentabilidade nas instâncias ambientais, o que é um grave equívoco, pois, da compreensão do conceito à sua operacionalização, o processo deve passar todo o corpo de governo, e não apenas os órgãos ambientais;

- da mesma forma, o mercado considera o tema um assunto de exclusivo interesse dos "verdes";

- o cidadão comum, assim como a mídia em geral, tem dificuldade de entender e aceitar que sem a mudança de hábitos

de consumo não é possível compatibilizar o crescimento econômico com a promoção da qualidade de vida e cidadania para todos e com a conservação dos recursos naturais.

Também é verdade, contudo, que expressivas parcelas do setor empresarial já perceberam que as empresas com passivo ambiental ou social se equilibram no limiar perigoso da rejeição dos consumidores, dos agentes financeiros e dos melhores profissionais e contemplam, assim, o risco da própria falência. O desenvolvimento sustentável é a chave para a perenidade, isto é, para a sobrevivência dos empreendimentos humanos no longo prazo.

A Rio-92 foi um grande marco nesse processo. Firmado o conceito pela Comissão Brundtland em 1987, a conferência de 1992 estabeleceu os instrumentos para pôr o mundo no rumo da sustentabilidade. Tais instrumentos são as diversas convenções e os acordos assinados na ocasião, entre eles a convenção do clima e a da biodiversidade e o compromisso com a chamada Agenda 21. Na prática, porém, não houve desdobramentos na sociedade e, em que pesem grandes exemplos no setor empresarial mais esclarecido, assim como na sociedade civil, os indicadores atestam um desafio muito maior do que se esperava para a implementação do que foi acordado dez anos atrás. Configura-se, dessa forma, uma preocupante tendência, segundo avaliação feita pela ONU em julho de 2002 e resumida no quadro seguinte:

- Um terço da população do mundo vive com menos de US\$ 2 por dia, um indicador no mínimo vergonhoso para os dois terços restantes;

- o uso de combustíveis fósseis, que induzem o aquecimento global, continua a crescer de forma incontrolável;

- os padrões atuais de produção e consumo utilizam os recursos naturais em ritmo superior à capacidade de recomposição da natureza. É mais ou menos como exigir de um ser humano que trabalhe 22 horas por dia, anos a fio, sem se alimentar;

- três quartos das áreas de pesca no mundo estão em pro-

cesso de esgotamento ou já foram esgotadas;

- as geleiras nos pólos e nas altas montanhas estão-se derretendo e favorecendo inundações;

- apenas na última década uma área de florestas do tamanho da Venezuela desapareceu da face da Terra;

- a degradação do solo e a desertificação causam uma perda estimada de US\$ 42 bilhões/ano no mundo. A extinção de espécies que daí resulta é irreversível. E, no entanto, métodos preventivos custariam apenas US\$ 2,4 bilhões/ano.

A cúpula de Johannesburg é uma reunião governamental de líderes mundiais, com intensa participação de empresários, fazendeiros, cientistas, sindicalistas, autoridades locais e regionais, mulheres, jovens e povos indígenas. Espera-se que das duas semanas de negociação que começaram ontem resultem três produtos específicos:

- Uma declaração política;
- um plano de implementação concreta dos acordos;

- novas parcerias entre governos, empresas e sociedade civil.

Tendo frequentado as quatro reuniões preparatórias para a cúpula de Johannesburg, realizadas em Nova York e em Bali ao longo de 2001 e em maio-junho de 2002, pude perceber que a fixação de metas e prazos para o uso de energia renovável e o banimento de substâncias tóxicas, assim como o uso conflitante dos recursos naturais, são itens de solução complexa. No entanto, os assuntos mais polêmicos e de solução mais difícil são, de longe, os relacionados a comércio e financiamento, o que inclui redução de dívidas externas, concessão de subsídios em países desenvolvidos e criação de oportunidades de negócios e transferência de tecnologia para os países em desenvolvimento.

Alguns países, como Canadá, EUA e Austrália, vêm rotineiramente adotando atitudes unilaterais para bloquear o andamento das negociações multilaterais, como avaliou o presidente da comissão preparatória da cúpula, o indonésio Emil Salim. Daí a existência de um certo pessimismo em torno dos possíveis resultados da reunião.

Há, contudo, sinais de esperança. O setor empresarial, por exemplo, já deu largas mostras de receptividade a acordos

multilaterais, tanto que desempenhou papel fundamental para a proteção da camada de ozônio, ao promover a substituição radical dos CFCs, os gases utilizados em geladeiras e outros equipamentos de refrigeração. O uso de CFCs despenhou de 1 milhão de toneladas em 1986 para 150 mil em 1998, seguindo o acordo multilateral assinado no Canadá em 1987 e denominado Protocolo de Montreal. Vale lembrar que na Rio-92 apenas um líder empresarial, o suíço Stephen Schmidheiny, falou pelo setor. Em Johannesburg, mais de mil presidentes e diretores de grandes empresas vão-se reunir em 1.º de setembro no "Business Day", evento organizado pela Business Action for Sustainable Development, que, por sua vez, é uma iniciativa do World Business Council for Sustainable Development e da International Chamber of Commerce.

Outros dados reveladores da evolução do mundo no rumo da sustentabilidade são a expansão da democracia e a ampliação do uso de mecanismos propiciadores de "accountability" e transparência no cenário internacional. Em 1980, 85 países viviam sob regime democrático; no ano 2000, eram 119. Em 1948, segundo dados do Banco Mundial, a ONU consultava 41 organizações não-governamentais no cotidiano de suas operações. Hoje, são 2091. Atualmente, 10% dos valores totais envolvidos em ajuda internacional são concedidos por intermédio de organizações não-governamentais.

Temas como erradicação da pobreza e mudança de padrões de produção e consumo não se resolvem da noite para o dia e, no entanto, estão no cerne da questão da sustentabilidade. Conseguir um acordo global por um mundo sustentável é tarefa complexa, mas não impossível. E as mentes mais esclarecidas já perceberam que não resta outra opção para a sobrevivência na face da Terra, seja a do planeta como um todo, a da espécie humana, a das sociedades humanas ou a dos empreendimentos econômicos que o homem foi capaz de criar.

■ Fernando Almeida, presidente-executivo do Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentável, professor da UFRJ, membro do comitê executivo do Business Action for Sustainable Development (Basd), foi presidente da Feema-RJ